

Vivendo no Sufocamento: Práticas Experimentais do Design para enfrentar crises irreversíveis

Living in Suffocation: designing Experimental Practices to face irreversible crises

MIRANDA, Samuel da Silva; Doutorando; UNISINOS

mirandasamuel@edu.unisinos.br

BATISTA, Marcelo Viana; Doutorando; UNISINOS

mvianna@edu.unisinos.br

SKLOVSKY, Fernanda Galvão; Mestranda; UNISINOS

fernandasky@edu.unisinos.br

MEYER, Guilherme Englert Corrêa; Doutor; UNISINOS

gcmeyer@unisinos.br

Vivemos em tempos de crises. O design, a partir das práticas convencionais, contribuiu para a amplificação de determinados desequilíbrios. Conscientes e posicionados em práticas disruptivas, propomos neste artigo a experimentação enquanto meio de o design oportunizar outros modos de ação, atuando em subversividade aos modos tradicionais de solucionar o problema da crise e elaborando alternativas para vivermos nela. Conduzimos uma prática experimental de construções narrativas de vida em crise, por meio de *cards* especulativos, atravessando possibilidades para se pensar a crise. Na oportunidade, os praticantes experimentais foram imersos em perspectivas de viver em tempos de sufocamento, estimulados pelas dinâmicas propostas. Este artigo apresenta um relato da prática experimental, em que foram postas maneiras para pensar uma crise, resultando num estímulo ao pensamento criativo e crítico em design sobre os modos de contribuição com a temática.

Palavras-chave: Design; Crise; Experimentação.

We live in times of crisis. Design, based on conventional practices, contributed to the amplification of certain imbalances. Conscious and positioned in disruptive practices, we propose in this article experimentation as a means of design to create opportunities for other modes of action, acting in subversiveness of traditional ways of solving the problem of crisis and developing alternatives to live in it. We conducted an experimental practice of narrative constructions of life in crisis, through speculative cards, crossing possibilities to think about the crisis. On the occasion, the experimental practitioners were immersed in perspectives of living in times of suffocation, stimulated by the proposed dynamics. This article presents an account of the experimental practice, in which ways to think about the crisis were put, resulting in a stimulus to creative and critical thinking in design about the ways of contributing to the theme.

Keywords: Design; Crisis; Experimentation.

1 Introdução

Vivemos em tempos de crises. Estas crises podem ser desdobradas em uma diversidade de temas e situações, no entanto, algo em comum pode ser apontado: a centralidade do humano como agente (LATOIR et al., 2018). Posicionar as agências humanas no centro delas não é exagero.

Como designers, entendemos que o design tem contribuído com o alargamento das crises pela sua maneira convencional e insustentável de projetar, e isto torna premente pensarmos em meios do design proporcionar outros modos de lidar com estas crises. Nossa proposta neste artigo é enfrentar o desconforto de viver em crises inevitáveis e posicionar uma crítica ao modo convencional do design enfrentá-la, em prol de situações preferíveis que perseguem um bem-estar para os humanos - algo considerado inalcançável do ponto sem retorno em que chegamos, de acordo com relatórios climáticos como do IPCC, por exemplo.

Para enfrentar o desconforto e posicionar nossa crítica, apresentamos na seção 2 uma fundamentação teórica sobre o antropoceno e a reflexão sobre como o design convencionalmente escolhe se posicionar frente ao inevitável fim, posicionado por autores como Scranton (2015).

Na seção 3 apresentamos nossa perspectiva relacionada ao design de práticas experimentais, pois é este caminho que nos estimula a pensar em outras possibilidades de como o design pode viver em tempo de crise. Nas subseções, apresentamos duas práticas experimentais que evidenciam nossa perspectiva: em 3.1, ao invés de atuar como designers ocupados em solucionar o problema da crise, procuramos como grupo, elaborar alternativas para viver nelas. Por este percurso, chegamos à temática do sufocamento por meio de representações materiais desenvolvidas pelo grupo. Em 3.2, avançamos a temática do sufocamento em uma prática experimental outra, relacionada à 3.1, na forma de um workshop com os participantes de um evento de design, oferecendo um espaço de debate e criação especulativa interessada na construção de narrativas de sufocamento em tempos de crises.

Na seção 4 estabelecemos o processo de análise nas práticas apresentadas em 3.2, em que adotamos como método, assistir aos vídeos dos participantes do evento de design, procurando identificar como foi o processo de enfrentar a temática sem procurar resolvê-la e como as narrativas de sufocamento tomaram forma na plataforma de colaboração *Miro*, identificando o processo de materialização (ou não) da prática sugerida. Destes dois movimentos, nosso interesse foi investigar o percurso construtivo e reflexivo de cada grupo a partir da análise de ambos.

Por fim, avançamos na seção 5, em considerações finais, apresentando a reflexão do grupo sobre as duas práticas experimentais e o que delas resulta: um afastamento de uma processualidade do design que nos é tão familiar e esperada (resolvendo problemas) em direção a outra processualidade que se informa em projetos exploratórios que respeitam a precariedade, a incompletude da situação e irreversibilidade de uma crise (informado em torno do sufocamento), encontrando modos de se viver e busca por outras vias dentro dela.

2 Fundamentação Teórica

A repentina e acelerada propagação de um vírus altamente letal por grande parte do território do planeta Terra no início de 2020, contribuiu para que um termo técnico da área da geologia se tornasse popularizado. Cunhado por Eugene F. Stoermer nos anos 80, Antropoceno é um dos

nomes dado à nova era geológica que o planeta terra vive, em que as atividades e as agências¹ humanas começaram a ter um impacto global significativo no clima e no funcionamento dos seus ecossistemas, modificando o curso do regime termodinâmico do planeta (LATOURE, 2017).

Segundo Relatório especial do IPCC², estima-se que as atividades humanas tenham causado cerca de 1,0°C de aquecimento global acima dos níveis pré-industriais, com uma variação provável de 0,8°C a 1,2°C. É provável que o aquecimento global atinja 1,5°C entre 2030 e 2052, caso continue a aumentar no ritmo atual (MASSON-DELMOTTE, et al., 2018).

No Antropoceno, compreende-se a crise climática enquanto efeito da relação do homem com o planeta. Aqui, o humano é vítima e vilão, ele é considerado o senhor da agência (MEYER, 2020). Compreendida em um sentido amplo e crítico, a mudança climática diz respeito às agências materiais que impactam na biomassa e na energia, nas fronteiras apagadas e na invenção microbiana, no tempo geológico e nanográfico e nos eventos de extinção³. Como afirmam Danowski e Castro (2017)

O Antropoceno (ou que outro nome se lhe queira dar) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da “epocalidade” enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra. Nosso presente é o Antropoceno; este é o nosso tempo. Mas este tempo presente vai se revelando um presente sem porvir, um presente passivo, portador de um karma geofísico que está inteiramente fora de nosso alcance anular - o que torna tanto mais urgente e imperativa a tarefa de sua mitigação (DANOWSKI; CASTRO, 2017, p. 20).

Paul Josef Crutzen foi um importante cientista e pesquisador, laureado com o Nobel de Química de 1995, pelo seu trabalho na química atmosférica com o estudo sobre a formação e decomposição do ozônio na atmosfera. Ele provou que a atividade humana, ao lançar fumaça de automóveis, chaminés e queimadas, estava mudando a composição da atmosfera. Isto é, a humanidade foi agente nesta mudança da composição do carbono na atmosfera provocando uma série de consequências como o aquecimento global e as mudanças climáticas. Em 2002, Crutzen (2002), sugeriu que estávamos saindo do Holoceno e entrando em uma nova época, o Antropoceno, por causa dos efeitos em escala global, aumento da população e desenvolvimento econômico. O termo entrou na literatura da geologia de maneira informal para indicar o meio ambiente contemporâneo dominado pela ação humana (ZALASIEWICZ et al., 2008). Sobre a escolha do termo:

Eu estava em uma conferência onde alguém estava comentando sobre o Holoceno. Na época achei que esse termo estava errado, porque o mundo mudou muito. Então eu disse: Não, estamos no Antropoceno! Criando a palavra no calor daquele momento. Todos ficaram surpresos. Mas parece ter persistido. (PEARCE, 2007, p. 44, tradução nossa).

¹ Agência refere-se a “algo que atua ou aquele que faz o outro fazer (...) sendo qualquer coisa que provê ou é capaz de ser uma fonte de ação” (LATOURE, 1996, p. 373).

² Relatório especial do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) sobre os impactos do aquecimento global (MASSON-DELMOTTE et al., 2018)

³ Prefácio do livro **Art in the Anthropocene**: encounters a mong aesthetics, politics, environments and epistemologies (DAVIS; TURPIN, 2015).

A humanidade mudou a composição do carbono na atmosfera, provocando um aumento de temperatura de 1°C, o derretimento das geleiras e o aumento do nível do mar em, até o momento, 20 centímetros. Isso sem falar em como alteramos fisicamente o planeta, com concreto e aço.

No ensaio *“Learning How to Die in the Anthropocene”* publicado em 2013 no *New York Times*, Roy Scranton, ex-soldado americano que serviu na guerra do Iraque, nos coloca dentro da crise da civilização através de seus relatos e reflexões acerca dos caminhos da humanidade hoje: "As civilizações marcharam cegamente em direção ao desastre porque os humanos estão programados para acreditar que amanhã será muito parecido com hoje" (SCRANTON, 2015, p. 1, tradução nossa).

Nós já ultrapassamos o famoso ponto de retorno. Pela visão dos especialistas políticos, cientistas do clima e oficiais da segurança nacional, a questão não é mais se o aquecimento global existe ou como poderemos barrá-lo, mas como iremos lidar com ele: O que significa ser humano? O que a minha vida significa em frente à morte? O que a existência humana significa após cem mil anos de mudanças climáticas? O que uma vida significa em comparação à extinção de diversas espécies ou em relação ao colapso da civilização global? Como faremos escolhas significativas na sombra do inevitável fim? São algumas das perguntas de Scranton (2015) que deveriam nos afetar como designers.

Lidar com as sombras do inevitável fim nos causa, em primeiro lugar, um desconforto por sugerir resignação ou reação. Quer dizer, se estamos no ponto sem retorno, nos resta aceitar e esperar pelo fim ou lutar em medidas reparadoras.

No quinhão que cabe ao design, em uma tradição orientada a projetar situações preferíveis (Simon, 1996), o curso segue pela reação e a reparação para uma mudança de mundo, em negação ao ponto de retorno. No entanto, se resolvêssemos experimentar práticas que lidam com a resignação, o que aconteceria? A partir desta provocação avançamos nas próximas seções, iniciando pela apresentação do que são práticas experimentais na nossa perspectiva.

3 Uma perspectiva sobre Práticas Experimentais evidenciadas em dois movimentos especulativos

Por práticas experimentais, estamos nos referindo à criação de um espaço para se pensar junto ao que se está fazendo, privilegiando as idiosincrasias dos projetos. Entender práticas neste âmbito nos estimula a refletir sobre como se faz design, identificando o que emerge dos nossos fazeres e lançando-nos à experimentação de outros e distintos modos de projetar. Neste percurso, perturbam-se visões homogêneas de como a área do Design vem conduzindo suas práticas e questiona-se quem está colocado no centro do projeto, promovendo a desestabilização de uma postura metodológica que se pretende neutra (MEYER et al., 2020).

Afastando-nos desta pretensa neutralidade, emerge o conceito de experimentação. Nos embasamos aqui na atitude experimental, onde o conceito experimental exala aura de abertura, reversibilidade e incompletude. A experimentação toma, portanto, gosto de um improviso situado (STENGERS, 2018) e o esforço de reinvenção incessante, como que em um processo interminável que jamais chega ao que deveria ser. Camps e Rowan (2019) comentam que nesse viés de experimentação, priorizam-se práticas abertas a uma rota excessivamente definida, preferindo a diversidade de resultados possíveis às conclusões ou respostas a uma hipótese inicial.

Os aspectos das práticas experimentais como, por exemplo, a obscuridade, incompletude, imprecisão, perturbação e precariedade, demandam dos pesquisadores uma postura

metodológica sugerida por uma estratégia provisional, entre aquilo que a situação tem a revelar e os rastros possíveis a seguir (LATOURE, 1989). Daquilo que emerge do campo são impulsionados desdobramentos alternativos, incertos e desprendidos de referências anteriores. No espaço e no tempo da experimentação, a norma é suspensa e dá lugar à tentativa, à hesitação, ao julgamento, ao erro e à incerteza (CAMPS; ROWAN, 2019).

Situar o método por seguir os rastros das práticas está relacionada à ideia de incompletude e imprecisão daquilo que produzimos como informação (FEENBERG, 2017), em que os designers podem atuar menos afeitos às sistematizações e constituições generalistas. Concordando com Stengers (2018), pensamos que a busca, portanto, se aleita na observação sensível e cuidadosa da situação em que ocorre a produção das informações, sem recorrer a taxonomias ou categorizações (alcançadas pela exaustão e pela análise de dados). Posicionando as discussões na procura pelos efeitos que interferem na realidade, a partir de exercícios experimentais e especulativos, que respeitam a precariedade e a incompletude.

No mais, por práticas experimentais também compreendemos a necessidade de uma dimensão material, onde ocorre a abertura à mediação entre diferentes elementos, ideias e agentes. Camps e Rowan (2019) referem-se à Latour ao comentar que esse modo de fazer implica 'ser' em relação à matéria, de diferentes maneiras e com diferentes temporalidades. A pesquisa de design envolve, deste modo, experimentar. E experimentar implica sujar as mãos, vivenciar, refazer e testar, mas também teorizar, refletir, criticar e especular, deixar que as ideias transpirem. "Entendemos a experimentação como um espaço em que o fazer e o pensar estão completamente imbricados" (Ibid, p. 112, tradução nossa).

3.1 Prática experimental sobre a resignação frente à crise

Neste viés, o design não atua de modo a solucionar o problema da crise, mas pode elaborar alternativas para viver nela. Dentre as crises, o sufocamento é aqui destacado como o aspecto no qual nos emaranhamos. Estamos respirando, ainda que sufocados, ou o sufoco está se tornando o nosso respiro? Apreendemos a onipresença do sufocamento, o polimorfismo presente nele que alcança uma miríade de consequências, afetando a todos os seres. Situamos nossa experimentação em sufocamentos que insurgem a cada novo suspiro que se apresenta no tempo presente, a fim de incitar reflexões e debates com os participantes.

A partir das problematizações em relação ao como respirar na crise, surgiram cinco abordagens de sufoco que mais nos sensibilizaram, enquanto grupo de estudos voltado às práticas experimentais e cidadãos: a pandemia do Covid-19, racismo estrutural, queimadas na Amazônia, arte enquanto modo de estupefação, religião e tradição.

Dando aprofundamento às reflexões sobre o sufocamento na crise, percebemos a necessidade de adotar a dimensão material de Camps e Rowan (2019), criando representações misturando técnicas de colagens digitais e manuais para ilustrar o modo como essas abordagens de sufocamento se davam. No fazer dessas representações, a crítica, à especulação ou o discernimento ocorrem de forma individual, quer dizer, cada membro do grupo de estudos escolheu a situação que mais lhe doía e enfrentou a tarefa de materializá-la. Ao longo dos encontros, o compartilhamento das criações para o coletivo, formado pelo grupo de estudos, permitiu à experimentação ganhar corpo, situando os episódios da crise do respirar que estimularam o coletivo pelos avanços dos membros.

A primeira representação situou a mais recente crise do respirar, protagonizada pelo SARSCOV 2. Vírus que migra de corpo em corpo pelo ar e pelas superfícies das coisas, atingindo o sistema respiratório, além de se desdobrar em variações, determinadas a enganar. Em seu

enfrentamento é preciso barreiras, máscaras, distanciamento social, isolamento sufocante entre paredes.

Como manifestação de sufocamento, a segunda representação explicitou o racismo estrutural, manifestado pelo assassinato de um homem negro por um policial branco, ocorrido nos EUA e de Marilele Franco, mulher política defensora dos direitos à população marginalizada no Brasil. O sufoco de George Floyd e Mariele foi sentido em todo o planeta, “*I can’t breathe*” (eu não consigo respirar) e a súplica por justiça a Mariele (“quem matou” ou “quem mandou matar”), se revelaram como episódios que escancaram o racismo em suas mais profundas consequências. Essa agonia é sentida fortemente no espaço presente e esse problema deve ser tocado pela ação do design, para além do que seu campo considera.

Na terceira representação, dividida em duas materialidades, a situação foi ilustrada pelo sufocamento que atinge também seres que, no ciclo da respiração, nos proporcionam o que há de mais importante - o ar. As queimadas no bioma Amazônico e nas florestas de países do Norte da América e Europa, revelam o sufocamento dos ecossistemas, promovendo consequências em cadeia, como a intoxicação e morte de animais, desregulação de ciclos chuvosos, alagamentos, estiagens, destruição de áreas e desabrigo.

A reflexão sobre arte, tema da quarta representação, proporcionou um aprofundamento em relação aos ritmos impostos sobre nós no cotidiano, tratando da estupefação - a sensação de surpresa diante de algo que não se espera, perplexo - também como uma forma de sufocamento.

A quinta representação também enfrentou a relação com ritmo imposto pelo cotidiano, mas seguindo por outro caminho: sob pressão de uma sociedade ancorada no poderio econômico, a interpretação é suprimida pela busca latente por eficiência. O entendimento da contemporaneidade entre arte e sociedade capitalista, parecem promover um sufocamento constante.

A sexta representação enfoca o sufocamento proporcionado pelos rigores das religiões, das imposições das tradições e das ordens humanas - criadas em nome do divino - e a busca por uma homogeneidade irreal. As regras impostas que cerceiam a liberdade de modo geral, que tiram o fôlego dos desejos e vontades individuais, foram trazidos à crítica.

Transformamos nossas representações iniciais, feitas a partir da técnica de colagem, em formas de *cards* (Figura 1) que remontam a um tarot, objetivando representar o sufocar na crise. Esses *cards* foram utilizados como ferramentas de suporte para a atividade.

Figura 1 – Cards sobre as abordagens de sufocamento



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

3.2 Prática experimental sobre a temática do sufocamento

Em novembro de 2021, o Grupo de Práticas Experimentais participa da quinta edição da Jornada de Estudos Avançados em Design Estratégico do Programa de Pós-graduação em Design da UNISINOS. Para isso, pensamos em uma prática de experimentação para oferecer espaço de debate e criação especulativa, pautados pelo sufocamento - temática que se formou na prática experimental anterior do grupo ao enfrentar a resignação frente à crise. Enquanto grupo responsável pelo *workshop*, conduzimos uma prática experimental em que construímos narrativas de vida na crise.

Os vinte e seis participantes no *workshop* do Grupo Práticas Experimentais, foram envolvidos em uma imersão sobre as crises e provocados a refletir sobre o impacto que elas causaram, causam e causarão nas existências passadas, presentes e futuras pensando em possibilidades de viver em tempos de sufocamento.

Com a centralidade em como viver no sufocamento, a prática foi conduzida em dois momentos específicos, o estímulo aos participantes sobre a abordagem da crise, neste caso o sufoco, e a experimentação coletiva. No primeiro momento, o diálogo considerou as múltiplas crises em que estamos sufocados, emergindo o fato de que convivemos com uma verdadeira diáspora de crises que se espalham e debruçam sobre nós, manifestadas na atemporalidade, na convivência com humanos e não humanos, nas práticas e nas organizações.

No momento seguinte, a prática foi realizada em uma plataforma de colaboração digital (*Miro*) em que os participantes se comunicaram e expressaram as narrativas propostas sobre como viver em sufocamento (Figura 2). Grupos pequenos foram criados via plataforma de comunicação *Teams*, e direcionados ao *Miro*, que por sua vez estava munido de conteúdo base para auxiliar os grupos.

Figura 3 – Fragmentos das práticas dos grupos



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

A prática, documentada pela equipe condutora do *workshop* em uma plataforma de colaboração digital (*Miro*), além da utilização de outra plataforma de comunicação (*Teams*) proporcionaram aos participantes uma troca que permitiu expressar as narrativas propostas sobre como viver em sufocamento, no entendimento individual, coletivo e compartilhado. Essas trocas se mostraram significativas para a própria percepção do Grupo Práticas Experimentais, sobretudo no entendimento e alcances da prática experimental.

4 Processo de análise das práticas experimentais

A construção experimental foi analisada, considerando os vídeos de cada grupo praticante e a elaboração coletiva, de forma a perceber as questões envolvidas e os alcances de cada debate, ocasionado em um relato em que se apresentam maneiras de se pensar a crise do sufocamento. Neste momento foram trazidas falas dos participantes nas análises que demonstravam as reflexões e apoio ao entendimento do percurso reflexivo.

No *Miro*, os participantes se reuniram em cinco grupos e receberam um conjunto de elementos (os *cards* de sensibilização, blocos de anotações e *cards* em branco) que poderiam ser utilizados para auxiliar a prática. Toda a atividade esteve em observação no *Teams*, proporcionando informações para as posteriores análises quanto ao percurso construtivo e reflexivo de cada grupo.

Os vídeos foram analisados por um dos membros do grupo condutor do *workshop*, objetivando a fuga às análises de conteúdo exaustiva, mas em observância às falas que significaram aprofundamentos importantes. No *Miro* a atenção se voltou a uma descrição e posterior análise da construção visual de cada grupo, reforçando os argumentos sobre o sufocamento em que cada grupo se ocupou.

4.1 Percebendo a prática por meio dos vídeos- Teams e Miro

A dinâmica foi conduzida de forma que cada grupo se direcionou para suas salas (*Teams*) a fim de realizar a prática no tempo máximo de vinte minutos. Em sequência, obtivemos as experiências e, por conseguinte, as análises de cada grupo com os argumentos da crise do sufocamento em que se ocuparam. Se apresentam os momentos da reunião no *Teams* e as análises de cada produção experimental dos grupos no *Miro*⁴, respectivamente.

- **Grupo 1-Teams**

O primeiro grupo iniciou as discussões com dúvidas sobre como deveria ser a dinâmica e qual objetivo do exercício. Uma participante explicou o que havia compreendido: que as cartas foram apresentadas para que todos se inspirasse na lente da crise, e estimulasse a criação de outro *card* próprio do grupo, representando algo que os estaria sufocando em um cenário de crise.

Todos os participantes comentaram e concordaram sobre o quanto o próprio *Miro* parecia ser um instrumento para criar ansiedade, e que a ansiedade talvez fosse uma das principais coisas que sufoca os sujeitos atualmente. Houve um consenso a respeito das sensações de ansiedade e angústia geradas pela Covid-19 que, para muitas pessoas, gerou uma espécie de falta de ar.

Uma participante trouxe para o debate a carta número treze que representava o sufocamento provocado pela Arte e Vida Moderna: “*A modernidade, o digital, reuniões com três telas sem intervalo, isso é um sufoco em si, o relógio marcando o tempo...*” (PARTICIPANTE A).

O grupo seguiu com dúvidas a respeito de como realizar a prática experimental dentro do *Miro* e notamos preocupação em como deveriam criar e construir a sua narrativa. Uma participante comentou que se a atividade proposta era sobre como sufocar, o relógio seria uma excelente ferramenta e um bom modo de sufocar.

Percebemos uma diferente leitura, trazida em sequência, sobre a palavra su-foco, propondo a criação de um kit sobre o que gostariam de sufocar neste momento, como as coisas que angustiam e onde deveriam de fato colocar o foco.

Com o passar do tempo, por volta de dez minutos dentro da sala, o grupo começou a se fazer as seguintes perguntas: “*O que nos sufoca? O que pode nos sufocar?*” (PARTICIPANTE B). Imediatamente a canção Sufoco, interpretada pela cantora maranhense Alcione, foi lembrada e abriu uma nova e aprofundada discussão a respeito de amor. Segue abaixo um dos trechos da música utilizada:

[...] Não posso mais alimentar
A esse amor tão louco
Que sufoco
Eu sei que tenho mil razões até para deixar de te amar
Não, mas eu não quero
Agir assim, meu louco amor
Eu tenho mil razões
Para lhe perdoar por amar [...]
(SILVA; JOSÉ, 1978)

Diante das reflexões envolvidas, o grupo, ao notar o fim dos vinte minutos propostos de prática, decidiu então, finalizar sua narrativa excluindo as questões da Vida Moderna e do relógio, optando por deixar o Amor como seu argumento final de sufocamento.

⁴ Para melhor visualização das materializações dos grupos e seus detalhamentos no *Miro*, acesse o link: https://miro.com/app/board/uXjVOgzxBms=?share_link_id=682904132965

- **Grupo 1 – Miro**

A relação praticada pelo primeiro grupo, tenciona o amor enquanto mote para o sufoco (Figura 4). No primeiro nível visual, se apresentam *cards* em fundo preto que trazem à luz as ideias principais do grupo, no segundo plano, três ilustrações se destacam corroborando com o argumento do sufoco enquanto sustento ao amor. No último nível da argumentação, o poema de Luiz Vaz de Camões – Amor é fogo que arde sem se ver – é trazido para o construto visual.

Figura 4 – Prática do amor enquanto sufoco



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

O argumento da prática do grupo, traz uma problematização das dicotomias em relação ao sufocamento pelo amor, sugerindo um caminho em meio a pontos entrecortados de sofrimento e vida, amor e morte. O grupo, ao se apoiar no *card* sobre a Arte, seguiu pela exposição de um desenho que sugere um sufocamento pelo amor, uma introspecção. Um trecho de uma canção foi trazido para a organização visual, reforçando o argumento, pois ele contextualiza a história de um amor problemático, causador do sufoco. A construção da prática, sugere que o grupo refletiu com maior intensidade as relações de afeto, sobretudo o amor, fazendo ligação com outros grupos da prática, demonstrando que a crise do sufocamento é intrínseca a nós.

- **Grupo 2-Teams**

A dinâmica do segundo grupo se deu a partir de diálogos livres a respeito da temática e como poderiam compor uma narrativa sobre o sufoco. O grupo achou curioso e interessante o exercício de serem provocados a pensar sobre sufocamento. Ao longo dos primeiros quinze minutos debateram sobre formas de sufoco, analogias, significados sobre o que é o mal-estar hoje na sociedade, como se enfrenta o medo ou como se convive com ele. Chegaram a algumas conclusões, como por exemplo, pensar sobre as duas palavras “sobrevivência” e “emergência”.

Iniciaram os questionamentos: “O que surge para nós a partir do sufoco?” (PARTICIPANTE C). Uma das integrantes do grupo, fez uma analogia com a placenta e o feto, que ainda não respira pela boca e no momento do nascimento sofre um sufocamento ao dar o seu primeiro respiro autônomo. Por fim, o grupo chegou à conclusão de que o sufoco nem sempre tem que estar ligado ao mal-estar.

- **Grupo 2 – Miro**

As informações do segundo grupo foram trabalhadas em minimalismo objetivo (Figura 5). Um grande *card* em azul, acolhe afirmações do grupo sobre a abordagem do sufoco enquanto estímulo. Dispostos às margens no *card* principal, três outros *cards* de apoio, em destaque em fundo preto, trazem outras afirmações acessórias ao que o grupo se propôs a debater.

Figura 5 – Prática do sufoco enquanto estímulo



Fonte: equipe do Grupo de Práticas Experimentais (2021)

As reflexões surgem no sufoco como estímulo, subvertendo o senso comum, abordando o sufoco como motivação para a vida, como sustentação dos sistemas envolvidos na configuração da vida comum. Os outros elementos de apoio à estrutura central do construto praticado pelo grupo, reafirmam que o sufocamento é a base para a vida, em que a relação entre vida e morte só flui devido às inter-relações entre as duas dimensões. Logo, e a partir da análise discursiva e gráfica, para o grupo o sufoco é o combustível para a vida.

- **Grupo 3 - Teams**

O grupo iniciou a prática com uma fala de uma das participantes, refletindo que o próprio fato de estarem ali, em quadradinhos na tela do computador, cada um na sua casa, com esta interação virtual, é um tipo de sufocamento. E segue:

“No momento que não conseguimos nos perceber muito fisicamente, estando em ambientes diferentes cheios de restrições, essas restrições, estas podas, nos sufocam muito. Mesmo saindo de nossas casas no nosso contexto pandêmico também nos sentimos sufocados, além de todas outras questões acadêmicas, familiares, climáticas que nos sufocam” (PARTICIPANTE D).

Em seguida, surgiu uma preocupação quanto ao tempo, estipulado pelos condutores para a finalização da prática e se instalou uma sensação de falta de tempo para realizar a prática. Outra participante sentiu que o tempo estava por trás de todo o sufocamento. Expressou ainda, que tudo é uma corrida contra o tempo, exemplificando a corrida das demandas da própria pós-graduação.

Buscaram uma imagem do tempo do relógio e o tempo do calendário. Buscaram textos, poemas, letras de músicas que falam sobre a questão do tempo, sobre quem dividiu o tempo. Ainda refletindo sobre o sufocamento gerado pelo tempo, comentaram que é uma questão de ritmo,

pois hoje as redes sociais virtuais, e a conseqüente comunicação instantânea, geram uma ansiedade enorme.

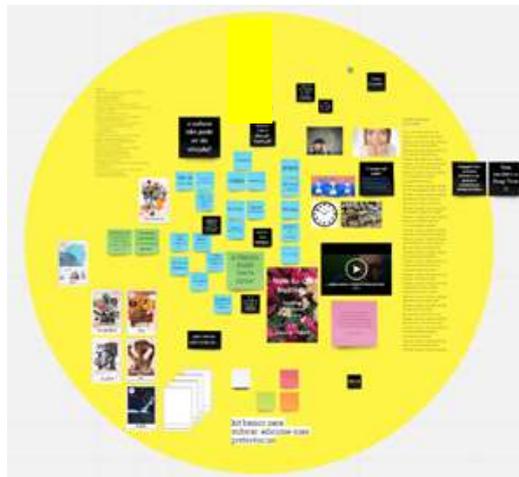
Debateram, ainda, sobre a culpa de perder tempo, pois a pessoa sofre, se sufoca por isso, pela culpa. Culpa de não estar fazendo tudo que deveria ter feito no dia, como interrogou o Participante E: “*E será que precisamos fazer tanta coisa?*”

Por fim, ao notarem a proximidade do término do tempo proposto para a atividade, o grupo riu descontraidamente, comentaram que sentiram que o tempo rendeu e foi produtivo. Depois brincaram dizendo que não havia dado tempo de construir uma narrativa e que nós (o Grupo Práticas Experimentais) conseguimos sufocá-los.

- **Grupo 3 – Miro**

O grupo apresentou um *moodboard* problematizando as relações de sufocamento em relação ao Tempo (Figura 6). Em destaque alguns *posts* se espalham e sobressaltam em fundo preto, contendo informações principais sobre a temática discutida pelo grupo. Como observado nos diálogos do grupo, o texto de poesia “O Tempo” de Carlos Drummond de Andrade, imagens e um vídeo da canção “Oração ao Tempo”, do compositor e intérprete Caetano Veloso, são utilizadas como estratégia autoexplicativa da crise do sufocamento pelo tempo. Num terceiro nível de informações, *cards* verdes surgem com outras provocações sobre a temporalidade e a demanda por fazer coisas cada vez mais urgentes. *Cards* azuis são dispostos ao centro da organização, trazendo para a superfície desdobramentos relacionais com a crise do sufocamento pelo tempo.

Figura 6 – Prática do sufoco considerando o tempo



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

Os desdobramentos do grupo contemplam reflexões sobre o tempo das relações de afeto, a coligação com uma urgência imposta pela sociedade a conquistas cada vez mais rápidas, a “propriedade do tempo” e como essa posse se manifesta nas organizações, para o grupo. Um *card* chama atenção pela afirmação de que estamos “sem tempo para sufocar”, evidenciando a problematização trabalhada ao longo da prática, pelos participantes do grupo.

Questões como ansiedade, angústia e aprisionamento são ilustradas de forma a significar a mensagem do sufoco pelo tempo, que pressiona as pessoas em um ritmo que não se sustenta. Em seguida, três principais problematizações são percebidas com maior detalhamento. A primeira é a questão do afeto com o surgimento de expressões como “falta de vínculo”

sugerindo as ausências, possivelmente maternas e paternas em decorrência do trabalho, causando sentimentos como culpabilidade e ansiedade.

Em sequência, a ligação com a vida acadêmica, presente em profundidade nos diálogos do grupo, foi percebida sob duas óticas - as obrigаторiedades sufocantes das excessivas demandas e o afastamento promovido pela pandemia da Covid-19, que retirou do universo acadêmico os eventos presenciais, encontros e conversas. Distanciando os momentos de trocas e fomentando um acréscimo de sufocamento pelo tempo, por meio do trabalho remoto. A terceira classe de discussão percebida, coliga tempo e valor, manifestada por expressões “tempo é dinheiro”, “tempo produtivo”, “rendeu o tempo” como evidência de uma busca pela transformação do tempo, numa corrida positiva, ou negação do problema-tempo na tentativa de respirar em meio a esse sufoco.

- **Grupo 4 - Teams**

O quarto grupo iniciou com a fala de uma das participantes, motivada pela lembrança da obra “Os Amantes”, do pintor surrealista René Magritte, que retrata um casal se beijando através de véus. Continuaram suas falas refletindo sobre o bem-estar e o mal-estar e entenderam que o subtema da prática era a morte, por ela estar muito próxima de nós em função da presença do Covid-19. Uma das participantes abriu uma discussão com o seguinte questionamento: “*O que o design pode aprender com a morte? Com a finitude?*” (PARTICIPANTE F).

Posicionaram no debate a discussão proposta pelo autor Edgar Morin, com seu princípio dialógico. Debateram sobre os conceitos antagônicos, porém complementares como, vida e morte, amor e ódio, raiva de se sentir sufocado e não ter como fazer nada a respeito – (por não termos como solucionar toda a crise sozinhos). Outra participante lançou uma pergunta tentando ver pelo lado positivo de como o design poderia contribuir para todas estas coisas que estamos vivendo nesta crise generalizada: “*O que o design pode aprender com isso?*” (PARTICIPANTE G).

Outra participante segue com a seguinte reflexão:

“É interessante pensar na perspectiva do mal-estar, também dando as mãos com Morin, pois tendemos a pensar que as coisas são muito opostas, quando elas são simultâneas e uma não vive sem a outra como a luz e a escuridão, a morte e a vida. De que vida estamos falando e de que morte estamos falando? Como é possível a gente levar em consideração, que não conseguimos eliminar o mal-estar, mas que ele vai existir mesmo quando a gente está pensando na perspectiva do bem-estar. Então que bem-estar é esse que anda de mãos dadas ao mal-estar? E como que a gente consegue, a partir daí, desse conceito que é muito mais complexo do que bem e mal, existência e não existência, mas sim de simultaneidade e a partir dessa simultaneidade a gente pensar em perspectivas” (PARTICIPANTE H).

E o grupo seguiu debatendo e questionando: “Mal-estar para quem? O que é mal-estar e o que é o bem-estar?” O grupo concordou que não existe um conceito universal para estas coisas, portanto, no que se entende que é o mal-estar, o bem-estar também vai estar contido.

Abriu-se espaço no debate do grupo para argumentos, que logo se mostraram relevantes e dominadores nas reflexões, como a interdependência do ambiente/natureza. Uma das participantes lembrou que “*a vegetação produz oxigênio e nós o respiramos, transformando em energia. Se eu não tenho forma de obter energia eu não tenho direito à vida.*” (PARTICIPANTE I).

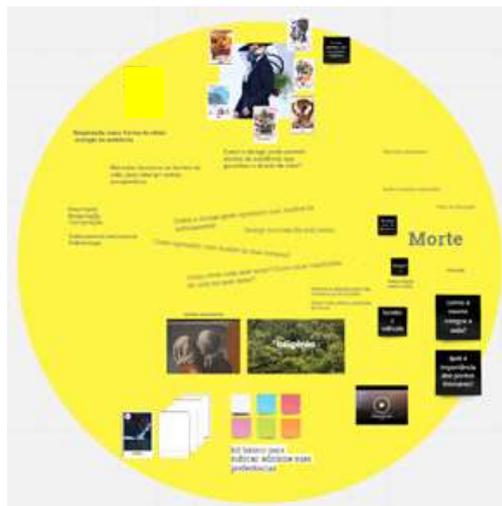
Comentaram também que o sufocamento pode acontecer de outras formas, pode ser um sufocamento emocional, podemos estar biologicamente respirando, mas sendo sufocados emocionalmente. Depois trouxeram a questão da eutanásia, pois dependendo da situação, morrer pode ser uma forma de parar de se sentir sufocado.

Ao final do debate o grupo, refletiu sobre o quanto as tensões criadas pelo mal-estar podem ser uma força, um vetor criativo. Neste sentido, da tensão que o mal-estar acaba fazendo sobre as relações da pessoa e o mundo, podem emergir perspectivas que antes nunca haviam sido consideradas.

- **Grupo 4 - Miro**

Um *brainstorming* foi a prática do quarto grupo que organizou os temas sobre a crise do sufocamento, utilizando textos, imagens e vídeo como elementos chave para o argumento do sufocar pelo distanciamento com a natureza (Figura 7). A estruturação da prática seguiu na utilização de imagens na parte superior e inferior, com perguntas ao centro da tela, apresentando vídeo e *cards* que facilitaram o entendimento do argumento. Os *cards* produzidos pela equipe condutora do *workshop* foram aplicados no debate do grupo.

Figura 7 – Prática sobre ambiente/natureza em sufocamento



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

A relação entre ambiente e natureza foi a tônica ao tratar sobre a crise do sufocamento pelo grupo. É percebida uma problematização sobre mal-estar, através da pergunta: “Como a morte integra a vida?” e a inserção do design nessa perspectiva, correspondendo aos questionamentos gerais, propostos pela prática geral.

Sendo assim, a principal questão percebida na reflexão é sobre a decadência humana na busca por bens eternos, pela responsabilização persistente do outro, em relação aos problemas ambientais que nos fazem sufocar, pela disponibilidade infinita dos recursos da natureza, as relações de vida e morte, fôlego e sufoco - percebidas também em outros grupos de participantes do *workshop*. Os *cards* (sendo água, fogo, racismos estrutural, arte, vida moderna e pandemia da Covid-19) criados como sensibilização para a prática, foram correlacionados com a falta de oxigênio, o mal-estar que deve tocar as ações do design com maior profundidade, tensionado seus limites.

- **Grupo 5-Teams**

O último grupo iniciou seu encontro em tom descontraído, relatando que os organizadores da experiência haviam “bugado” o *Miro* propositalmente só para sentirem o sufoco na prática – pois ao acessarem o *Miro* proposto, os participantes se depararam com um zoom máximo da página, estratégia pensada intencionalmente para ambientar todos numa atmosfera de sufocamento. O grupo se divertiu bastante no início da atividade até se localizarem dentro do *Miro* e escolherem seu espaço de trabalho. Uma das participantes estava com Covid-19, então se sentia como o próprio experimento pois era uma representante literal da sensação de sufocamento. O grupo optou por se “utilizar” da participante com Covid-19, que foi colocada no centro do *card*, criado pelo grupo, como um “meme”.

Os participantes passaram um tempo discutindo sobre um possível “cyberbullying”, provocado por atitudes dos alunos em aulas online que fazem figurinhas dos colegas, pois sabe-se que muitas pessoas começaram a assistir às aulas com câmeras desligadas para evitar que suas imagens sejam usadas sem seu consentimento.

Então, lançaram uma série de perguntas envolvendo o design num contexto de sufocamento e mal-estar, capaz de criar condições de vida ou morte. Todos os participantes concordaram que o que sentem que estão vivendo hoje, é um pouco de todas as perguntas. O grupo concluiu essa discussão, afirmando que todos estão sufocados.

Um dos participantes decidiu passear pelos outros grupos no *Miro* – isso foi possível, pois nenhum movimento foi cerceado pelo grupo condutor da prática - para ver do que os outros estavam construindo, já que falavam sobre o tempo como sufocamento. Depois os debates seguiram por assuntos relacionados à insegurança no ambiente cibernético, sobre hackeamento de informações, os perigos e consequências da nossa exposição virtual online.

Abriu-se uma nova discussão no grupo, em torno das percepções da participante que estava com Covid-19. Concordaram que o efeito colateral da falta de olfato, que não sentir o cheiro das coisas, também é uma forma de nos sentirmos sufocados. Além disso, ao fazermos o teste e aguardar o resultado, não saber se contraímos o vírus também é um processo sufocante. Segundo a participante infectada, o período de incerteza é menos angustiante do que o resultado positivo. Para ela, saber que está com Covid-19 com a família em casa foi totalmente angustiante e sufocante principalmente para a filha que não poderia abraçar a mãe.

- **Grupo 5 - Miro**

O sufoco é abordado neste grupo em múltiplas perspectivas, sendo o tema central para outras relações. Sufoco enquanto pluralidade (Figura 8). A organização das informações foi centralizada com a utilização de cores para cada tipo de argumento. Um novo *card* foi construído, tomando como base os exemplos e a aplicação dos elementos disponibilizados pelo grupo condutor da prática.

Figura 8 – Prática de sufocamento em sua pluralidade



Fonte: equipe do Grupo Práticas Experimentais (2021)

As múltiplas faces do sufocamento trabalhadas no grupo, circundaram duas principais reflexões: uma sobre tecnologia, a partir dos acessos aos dados, segurança cibernética, e outra da Covid-19 e seus sintomas privados dos sentidos. Como percebido na prática, foi escolhida uma personagem participante que aprofundou as características de sufocamento nas suas experiências de vida, manifestando o sufoco nas relações sociais e familiares, na saúde e na massiva dependência da tecnologia no momento de isolamento que a sociedade foi inserida.

Todos estes episódios engrossam visceral e linguisticamente a discussão sobre a crise que nos assola. O sufoco nos envolve em todos os níveis e intensidades; está presente em sua magnitude toda. Pensamos que investigar o problema de como respirar é tocar a amplitude da crise. Como respirar quando não se é um ator privilegiado? Como respirar com as queimadas que dizimam as florestas na Amazônia? Como respirar em uma dinâmica social que opera nas bases da produtividade, da otimização, do resultado, da competição e que nos assombra com os riscos de um fracasso produtivo? Como respirar diante do aquecimento climático, do verão e inverno violentos, com temperaturas cada vez mais extremas, com chuvas cada vez mais destruidoras? Como respirar quando se vive em uma sociedade patriarcal, alimentada por combustível e eficiência? São questionamentos que nos sensibilizam para o respirar enquanto o problema do design na contemporaneidade.

5 Considerações Finais

Fomos estimulados a pensar nas contribuições do design, inserido no contexto da crise. Alcançamos a elaboração reflexiva que reconhece o respirar enquanto problema de design, nos levando imediatamente ao problema: como criar maneiras de respirar na crise? Da resignação iminente frente ao ponto sem retorno, elaboramos nossa imagem de problema e nos estimulamos sobre as possibilidades de o design criar maneiras de se respirar na crise premente, algo que nos propõe um afastamento de uma processualidade do design que nos é tão familiar e esperada, de projetar para o preferível, para o bem-estar.

Nesta prática experimental, optamos por desacreditar das possibilidades de o design projetar outros modos de respirar e sim de viver na crise e estimular a busca por outras vias nela. O otimismo que sempre trouxemos para junto do design, que nos fez pensar na área enquanto capaz de resolver a tudo, nos é perturbado quando vivenciamos a crise, quando percebemos o

design como engrenagem poderosa nessa cultura de devastação ágil e perigosa. Optamos por apreciar a crise como modo de interromper algo.

Essa ruptura veio em meio às experimentações dos grupos no *workshop* realizado. As narrativas dos cinco grupos de participantes, apontaram possibilidades para se pensar a crise do sufocamento em diferentes concepções. Estimulados por uma sensibilização prévia da abordagem, os participantes nos proporcionaram outros olhares quanto ao sufocamento, reagindo de forma contrária ao senso comum de lidar com o sufoco como algo negativo - algo que retira o fôlego - e sim, sufoco contemplado como o estímulo à vida (caso do grupo 2).

Percebemos, na experiência da prática experimental realizada, o sufoco situado nas relações de afeto, na presencialidade e na constituição de vida e morte. Maneiras de viver o sufocamento experienciado nas individualidades, expressas na coletividade e na reflexão do como sucumbimos ou reagimos diante desta crise - o sufocamento. O design, enquanto pertencente a essa realidade, pode apreender formas de lidar com esta e outras crises do mundo contemporâneo, reeditando suas ações de forma situada, capaz de subverter a lógica solucionadora de problemas - e coexistir com eles - destinado a alcançar outras rotas.

Ao invés de pensarmos em formas preferíveis de respirar, propusemos contemplar formas de sufocar. Isto é, entendemos por contemplação não um modo de interpretação e leitura, mas um processo de fantasia, propondo a criação de modos de sufocamento. Narrativas de sufocamento. Colocar o sufocar em foco. Sufoco.

6 Agradecimentos

Marina Ciravegna da Rosa, Ana Maria Copetti Maccagnan, Melissa Merino Lesnovski, Calvin Piletti, entre outros colegas que participam ou participaram de práticas outras do Grupo.

7 Referências

- CAMPS, M.; ROWAN, J. **Indisciplinares**: explorando la práctica como método de investigación en diseño. *Diseña*, v. 14, p. 100-117, 2019.
- CRUTZEN, P.J., 2002, **Geology of mankind**: *Nature*, v. 415, p. 23, doi: 10.1038/415023a.
- DANOWSKI, Débora; CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.
- DAVIS, Heather; TURPIN, Etienne. **Art in the Anthropocene**: encounters a mong aesthetics, politics, environments and epistemologies. London: Open Humanities Press, 2015.
- FEENBERG, Andrew. Introduction: technology and human finitude. **Technosystem**, [S.L.], p. 1-14, 31 dez. 2017. Harvard University Press. <http://dx.doi.org/10.4159/9780674982109-002>.
- MASSON-DELMOTTE, Valérie, et al. **Aquecimento Global de 1,5°C**: relatório especial do painel intergovernamental sobre mudanças climáticas. Incheon: Ct. Comunicação, 2018.
- LATOUR, Bruno. **Science in Action**: how to follow scientists and engineers through society. Nova York: Harvard University Press, 1988.
- LATOUR, Bruno. **On actor-network theory**: A few clarifications. *Soziale welt*, p. 369-381, 1996.
- LATOUR, Bruno; STENGERS, Isabelle; TSING, Anna; BUBANDT, Nils. Anthropologists Are Talking – About Capitalism, Ecology, and Apocalypse. **Ethnos**, [S.L.], v. 83, n. 3, p. 587-606, 10 abr. 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00141844.2018.1457703>.

MEYER, Guilherme Englert Corrêa. Vivendo no Antropoceno: o design e a arte lidando com os modos de uma época impossível. **Estudos em Design**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 88-98, 21 ago. 2020. *Estudos em Design*. <http://dx.doi.org/10.35522/eed.v28i2>.

MEYER, Guilherme Englert Corrêa; LORENZ, Bruno Augusto; GLOEDEN, Dimas Bortolin.; MACCAGNAN, Ana Maria Copetti; BATISTA, Marcelo Vianna; LESNOVSKI, Melissa Merino; FIGUEIREDO, Natalia Duarte. Relatos de práticas e a formação de um coletivo de experimentação em design estratégico. In: **Design Culture Symposium 2020: scenarios, speculation and strategies**. Porto Alegre: Artefato.Lab, 2020. p. 27-38.

PEARCE, Fred. **With Speed and Violence**: why scientists fear tipping points in climate change. London: Beacon Press, 2007.

SCRANTON, Roy. **Learning To Die in The Anthropocene**. London: City Lights Books, 2015.

SILVA, Chico; JOSÉ, Antônio. Sufoco. In: NAZARÉ, Alcione Dias. **Alerta Geral**. Gravadora: Philips, 1978. LP. Faixa 01.

SIMON, Herbert A. **The Sciences of the Artificial, reissue of the third edition with a new introduction by John Laird**. London: The Mit Press, 2019

STENGERS, Isabelle. **Another Science is Possible**: a manifesto for slow science. Cambridge: Polity Press, 2018. 220 p.

ZALASIEWICZ, Jan; WILLIAMS, Mark; SMITH, Alan; BARRY, Tiffany L.; COE, Angela L.; BOWN, Paul R.; BRENCHLEY, Patrick; CANTRILL, David; GALE, Andrew; GIBBARD, Philip. Are we now living in the Anthropocene. **Gsa Today**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 4, 2008. Geological Society of America. <http://dx.doi.org/10.1130/gsat01802a.1>.